

Planalto acredita que

As recentes rebeliões no PMDB e PFL chegaram

CORREIO BRAZILIENSE Brasília, segunda-feira, 30 de março de 1987 3

controla a Constituinte

a preocupar, mas Governo mantém maioria

ANC 88
Pasta 26 a
março/87
093

A.C. SCARTEZINI
Especial para o CORREIO

As rebeliões nas bancadas do PMDB e do PFL nos últimos dias causaram preocupações e reflexões no Planalto, mas não chegaram a provocar receio quanto à perda de controle da Presidência da República sobre a Constituinte. "Temos pelo menos 306 constituintes dispostos a fechar com o presidente Sarney", avaliou a assessoria política presidencial ao fechar o balanço da semana.

Há um mês atrás, o balanço rotineiro da assessoria apontava os nomes de 150 constituintes, entre os 559 da Assembléia, sujeitos ao controle pessoal do Presidente. Agora, o número dobrou, mas não dobrou em consequência de algum trabalho do Planalto sobre os deputados e senadores e sim em decorrência da evolução do debate constitucional.

A evolução do debate é o melhor instrumento de que dispõe a assessoria política para avaliar as tendências da maioria dos 559 constituintes e ter um desenho realista sobre o pensamento da Assembléia. A esta altura do debate, acredita a assessoria que, entre os 253 constituintes que não estão sob o controle pessoal do Presidente há ainda um residual de 180 nomes que podem mudar de posição.

Nesse residual, as contas da assessoria mostram que estão 50 por cento do PMDB, o maior partido. Ou seja, a metade dos 305 peemedebistas ainda não fecharia com o Presidente mas poderia vir a fechar. Na bancada do PFL, que ameaça passar para a oposição, o residual seria de 20 por cento dos 132 nomes do partido na Constituinte.

Esse universo residual recebeu na assessoria o nome de "elo perdido": os constituintes com primeira experiência parlamentar que desembarcaram em Brasília às escuras, sem saber ainda como se orientar no planeta e, por isso, sujeitos ao proselitismo. "Eles seguem o tchan do momento, não possuem ideologia e seguem a onda", define um analista presidencial, o elo perdido.

O elo perdido leva a assessoria a trabalhar com exclusividade sobre o residual de 180 nomes. Mesmo porque não adianta trabalhar sobre aquilo que chama de "bloco ideológico": constituintes posições ideológicas irremovíveis. "Quem vai conseguir influir na posição dos radicais da Constituinte a não ser os parceiros deles mesmos?", indaga-se.

A propósito, uma parcela da assessoria suspeita de uma coisa: na Constituinte, a maioria vai votar em interesse próprio, sem levar em conta ideologia; mas no Congresso Nacional vai prevalecer a ideologia da maioria. Como a elaboração da Constituição é uma questão que se pretende definitiva, prevaleceria o interesse pessoal.

AS REBELIÕES

Apesar das contas presidenciais, as últimas manifestações da bancada do PMDB, responsável pela maioria da Constituinte, indicam a presença de um movimento de autonomia que se opõe aos interesses pessoais do presidente Sarney. Pode ser apenas um momento de autonomia, mas também pode ser um movimento que chegue ao ponto mais delicado para a Presidência: a redução do mandato presidencial.

As manifestações indicam que o movimento pela autonomia não atinge a maioria dos 305 peemedebistas, mas é mais mobilizável e organizado. Por isso, a minoria pode decidir as votações dentro do partido, como decidiu na indicação do senador Mário Covas a líder e na ruptura do acordo com o PFL para a formação da mesa da Constituinte, embora tenha perdido a batalha da soberania da Constituinte.

O desenho do perfil dessa minoria rebelde do PMDB começa precisamente pela definição da soberania da Constituinte, em fevereiro. A bancada tendia para uma posição a favor da soberania, que permitiria alterar a Constituição, inclusive para reduzir o mandato presidencial.

Mas um trabalho de peso do Planalto, justificado pelo mandato em jogo, conseguiu o controle da bancada na questão da soberania. Apenas 24 peemedebistas marcharam até o final a favor da Constituinte, num episódio que permitiu ao Planalto acreditar que uma das fases mais difíceis estava superada na Constituinte.

No entanto, Sarney recebeu a contragosto, no último dia 18, a eleição, pela bancada, do senador Covas para a liderança na Constituinte. Dois dias antes, o senador José Richa, maior cabo eleitoral de Covas, teve uma conversa pessoal com o Presidente para pedir-lhe que se mantivesse neutro na votação do líder.

Como explicava Richa ao Presidente, bastava o trabalho do deputado Ulysses Guimarães fazia pela candidatura do líder da Câmara, Luiz Henrique. "O-

brigado, Sarney, pela sua neutralidade", agradeceu Richa ao Presidente no dia da votação, feliz com o sucesso de Covas contra Luiz Henrique.

E por que o Presidente preferia Luiz Henrique a Covas? Porque a Sarney interessa fortalecer Ulysses Guimarães de modo que o Planalto possa negociar na Constituinte com uma pessoa só e não com fragmentos partidários, como imaginava o ministro Marco Maciel, que, com o seu PFL, esperava trabalhar pela implosão do PMDB.

Como temia Sarney, o enfraquecimento de Ulysses chegou, na última quinta-feira, à decisão da bancada do PMDB em não entregar posições importantes ao PFL na mesa da Constituinte, o que estimula a rebeldia pefellista. "Quem podia imaginar que até a Sandra pedisse diretas já?", indagou-se no Planalto a respeito da proposta da deputada Sandra Cavalcanti para que o PFL se colocasse a favor da eleição imediata do sucessor de Sarney.

REVANCHE

Nas decisões sobre a liderança e a mesa não houve o mesmo empenho do Planalto que se registrou quanto à soberania e, por isso, ambas marcaram uma proporção semelhante de autonomia na bancada do PMDB: 143 peemedebistas elegeram Covas e 135 votaram contra o acordo com o PFL. Os números são semelhantes, mas indicam minorias.

Embora minorias, o deputado de esquerda Haroldo Sabóia, maranhense e peemedebista como Sarney, acredita que a autonomia alcança a maioria da bancada. "Dos 305, apenas uns 50 são governo em qualquer situação, é o pessoal que veio do PDS, como o Presidente", avalia o deputado Sabóia, que também não vê nenhuma novidade na independência partidária.

— O que há de novo nisso? O novo é que o Covas, em vez de negociar com a direita externa, que seria o PFL, preferiu, no caso das comissões, negociar com a direita interna.

Nisso tudo, sobra ao Planalto o risco de que o processo de autonomia da bancada do PMDB chegue ao mandato presidencial, sobretudo se somado às insatisfações do bem comportado PFL. "O processo de autonomia pode chegar, ao mandato de Sarney, o que seria a revanche da soberania", registra, pessimista, o senador Jarbas Passarinho, presidente do PDS, mas amigo de Sarney.